Aula 9

ESPAÇO, TERRITÓRIO, LUGAR E PAISAGEM NA CIÊNCIA GEOGRÁFICA

META

Compreender as categorias analíticas da geografia espaço, lugar e paisagem.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

distinguir as categorias analíticas da ciência geográfica espaço, lugar e paisagem na modernidade e pós-modernidade.

Rosana de Oliveira Santos Batista

INTRODUÇÃO

Prezado (a) aluno (a), nesta aula veremos uma análise das categorias geográficas espaço, lugar, território e paisagem. Nossa preocupação está atrelada reflexão dessas categorias na teoria geográfica mediante o objeto de estudo da geografia que é a produção humana no espaço.

COMPREENDENDO AS CATEGORIAS ANALÍTICAS DA GEOGRAFIA

O espaço geográfico é visto enquanto produção humana, que se realiza através do movimento da sociedade sobre a natureza. O espaço é um equilíbrio, uma equação engendrada pela forma e diferentes sentidos, como uma constituição racional, uma relação entre objetos e funções, que trazem os sentidos e significados da relação entre objetos e práticas sociais. Gomes (2010) afirma que o espaço é sempre uma extensão fisicamente construída que se compõem pela dialética entre a disposição das coisas e as práticas sociais, além das disposições materiais. Afirma ainda que, a organização das coisas, seu arranjo físico, possibilita que certas ações se reproduzem, já que as práticas sociais são dependentes de determinadas distribuições ou ordenamentos das coisas. É desse modo que o espaço encontra sua dinâmica e se transforma, demonstrando o caráter de mutabilidade.

Na geografia Clássica o espaço não foi um conceito chave, mas aparece na obra de F. Ratzel encenando as condições de trabalho seja natural ou social. (Gomes, 2010). Em Hartshorne o espaço é enfocado como absoluto, um conjunto de pontos que tem existência entre si, sendo independente de qualquer coisa.

Em meados do século XX o espaço geográfico torna-se uma relevante referencia. Sposito (2010) vai afirmar que este conceito aparece na história do pensamento geográfico por duas conotações, a saber: isotrópica, em que o ponto chave é a homogeneidade, enquanto ponto de partida e a diferenciação espacial, como ponto de chegada. A outra conotação é a representado matriarcal em que o espaço seria representado por uma matriz e uma expressão topológica. Assim, a visão lógica positivista privilegia a distância como uma variável independente na qual permite a elaboração do conhecimento sobre localização, fixos e fluxos, hierarquias e especializações funcionais.

No final do século XX a geografia crítica faz referencia as análises sobre o espaço. Santos (2004) afirma que o espaço deve ser estudado por meio de quatro categorias, a saber: A estrutura que implica na inter-relação de todas as partes de um todo social, ou seja, no modo de organização da construção. O processo que pode ser definido como uma ação contínua, desenvolvendo-se em direção a um resultado qualquer, implicando numa continuidade e transformação. A função que sugere uma tarefa ou atividade

esperada de uma forma. A forma que é o aspecto visível do arranjo ordenado de objetos.

Para Santos (1988), a partir da noção é possível reconhecer as categorias analíticas internas como passagem, a configuração espacial, a divisão do trabalho, as rugosidades, formas e conteúdo. A expressão produção do espaço cunhada por Lèfèbvre visa responder aos processos de reprodução das relações capitalistas de produção. O espaço em Lèfèbvre, grosso modo, consiste no lugar onde as relações capitalistas se reproduzem e se localizam com todas as manifestações, conflitos e contradições.

Outra categoria analítica da ciência geográfica em evidência é a paisagem. Esta é referenciada para o entendimento do sentido de percepção do espaço. Camargo (2004) afirma que a paisagem é uma maneira de ver, compor e harmonizar o mundo externo em cena; uma unidade visual. Os primeiros a pensarem a ideia de paisagem na geografia foram Humboldt, Ritter e Vidal de La Blache. A paisagem surgiu numa concepção romântica de mundo, observada em sua estética como objeto de contemplação dos seres humanos no cenário visual.

Entendida como produto social e histórico, a paisagem retrata a sociedade que a constrói. Contudo, a paisagem é o visível e material um processo de transformação que nos revela grandes conflitos socioambientais e, nesse sentido, não é estática. No Século XX a paisagem é vista, pela geografia quantitativa, na perspectiva sistêmica que compreende a como realidade posta como objetiva. Nesse caso, a paisagem é o produto de intercâmbio, um imbricamento dinâmico, maleável entre componentes formadores da paisagem; os elementos físicos e sociais. Assim, a paisagem é um conjunto singular inseparável e que está em constante mutação. Essa dinâmica relacional e complexa entre seus componentes é baseada no método lógico geossitêmico de forma organizada, dinâmica e flexível.

Na perspectiva fenomenológica a paisagem evidencia a coexistência de objetos e formas em sua face sociocultural. Rosendhal (1998) traduz a paisagem num campo de visibilidade ao ser humano, oferecida percepção, experiência e subjetividade, convertendo-se num campo de significação individual e coletiva, apresentando perspectivas variadas. Nesse sentido, com a perspectiva de entender a relação homem-natureza sob o prisma da subjetividade, inicia um pensar a partir da ideia de lugar enquanto base da existência humana, mas enquanto experiência pessoal, mediatizada por símbolos e significados próprios a ser analisados pela geografia humanista.

Tuan (1980) espaço e lugar são categorias interligadas. O espaço surge na medida em que conhecemos e atribuindo alguma importância e o lugar representasse a formação de uma teia de articulação do espaço. O lugar para a abordagem cultural da geografia advém do espaço na medida em que o ser humano age intencionalmente em torno das experiências do fenômeno. Este possui qualidade de construção social que se dá ao longo da história, por meio de suas formas materiais e imateriais o lugar é um meio

de promoção da funcionalidade do mundo. Santos (1997) assevera que cada lugar é, ao mesmo tempo, objeto de uma razão global e de uma razão local.

Nesse caminhar pelas categorias analíticas da geografia, a partir da historiografia, atentamos para a categoria território. Esta é utilizada de forma polissêmica, a saber: território do poder e território de identidade. No tocante as relações de poder exercidas no espaço, esta categoria surge no tempo histórico clássico da ciência geográfica.

Nas ciências naturais, o território seria área de influência e predomínio de uma espécie animal que exerce domínio de forma mais intensa. A maior parte dos estudos sobre o conceito de território sempre foi realizada na escala nacional na formação do Estado-Nação. Essa ideia de uma área sob domínio de uma nação no sentido político e jurídico ainda hoje permeia o significado de território e tem raízes na constituição dos Estados Modernos.

Nesse contexto histórico de consolidação dos Estados Modernos, o conceito de território passou a ter relevância para as ciências. Na geografia Ratzel procurou estabelecer relações entre homens e espaço ocupado. Souza (1995) afirma que para Ratzel, o território é um espaço com seus elementos naturais e humanos, apropriado e ocupado por um grupo social ou pelo Estado. Nesse caso, o território é a base de sustentação dos Estados. O discurso naturalizante de Ratzel, na corrente determinista, passou a buscar uma unidade cultural que servisse aos anseios expansionistas territoriais da Nação. Assim, o território pensado como área delimitável do planeta, palco das ações humanas correspondia a própria concepção de geografia da época.

Com o advento da escola possibilista francesa durante o período em que se destacaram a Nova Geografia/Teorético-quantitativa e a Geografia Cultural, houve um avanço das bases teóricas desse conceito. Surge a geografia crítica calcada no materialismo histórico e dialético, que buscou um retrabalhamento, a partir do uso que a sociedade faz uma determinada porção do globo, numa relação de apropriação qualificada pelo trabalho social. Esta preocupação emergiu na ciência geográfica para compreender as contradições sociais, econômicas e políticas, além da reorganização territorial do espaço mundial.

Atualmente novas abordagens sobre o território, mais amplas e flexíveis passam a ter uma noção menos delimitada de território. O território das representações mediado pela identidade avança nas pesquisas geográficas de nosso tempo histórico. Souza (1995) enfatiza a dimensão espacial das relações econômicas e o território, nessa abordagem, passa a ser fonte de recursos, visto como forma de controle dos indivíduos pelo espaço material.

As relações entre o espaço e o poder ocorrem num espaço delimitado, controlado, no qual o espaço é dotado de identidade territorial cheios de significados, simbologia e subjetividade. Autores como Souza (1995), Santos (2004), Andrade (2005), dentre outros compartilham da ideia de território como espaço definido a partir das relações de poder, seja do estatal, público ou privado, projetados no espaço geográfico.

Os territórios podem ser cíclicos, com espaços caracterizados pela superposição de diferentes territórios num mesmo espaço, o que pode provocar o surgimento de relações de poder adicionais contínuos. Em Santos (1988), o território é um produto socialmente produzido, resultado de relações de um grupo humano com o espaço que o obriga a ser dinâmico.

Recentemente, diversas áreas do conhecimento adoraram o território como conceito essencial em suas análises. Assim, o território tem uma característica multidimensional, constituindo-se numa totalidade dentro de um contexto histórico moldado na combinação de forças externas e internas devendo ser compreendido como parte de uma totalidade espacial.

CONCLUSÃO

O espaço geográfico produzido é reproduzido pelas relações de produção. Neste há existência das formações atribuídas às relações sociais, mediante o processo de produção material e imaterial. Na história do pensamento geográfico várias foram as expressões dadas às categorias analíticas da geografia. A paisagem, o espaço e o território passam por modificações em suas definições mediante o método de análise do pesquisador. Seja nas relações de poder ou nas representações o território ganha força nas análises geográficas a cada paradigma científico. A paisagem e lugar possuem uma conotação histórica, a qual deve ser analisada enquanto processo dinâmico, que promove modificações de tempos em tempos. Por fim, o espaço de representação ou produção que surge enquanto categoria máster desta ciência, pois tem imbricado em sua essência a visão de mundo de um espaço absoluto ou relativo em suas análises.

RESUMO

Esta aula objetivou analisar as categorias analíticas da geografia espaço, paisagem, lugar e território, mediados pelos métodos de análise na história do pensamento geográfico.

ATIVIDADES

Após a leitura e interpretação dessa aula o aluno deverá construir uma reflexão caracterizando todas as categorias citadas na aula.

AUTOAVALIAÇÃO

Depois de ter lido todo o conteúdo exposto nesta aula, você deverá ser capaz de selecionar quais as categorias utilizadas na ciência geográfica.

PRÓXIMA AULA

Na próxima aula conheceremos a renovação das matrizes teórico-metodológicas na geografia brasileira.

REFERÊNCIAS

CAMARGO, J. C. G. ; ELESBÃO, I. **O problema do método nas ciências humanas: o caso da Geografia.** Mercator,Fortaleza, ano 03, n. 06, p. 07-18, 2004.

GOMES, P. C. C. **Culturas teóricas, culturas políticas no pensamento geográfico.** In: CASTRO, I. E.; MIRANDA, M.; EGLER, C. A. Redescobrindo o Brasil: 500 anos depois. Rio de Janeiro: Bretrand Brasil: FAPERJ, 2010.

SANTOS, M. **Espaço e método.** São Paulo: Nobel, 1997.

ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Paisagens, Textos e Identidade.** Rio de Janeiro: EDUERJ, 2004, p. 13-74.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado.** São Paulo: Hucitec, 1988.

SANTOS, M. **Por uma Geografia Nova:** da crítica da Geografia a uma Geografia Crítica. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. **O Território: Sobre Espaço e Poder, Autonomia e Desenvolvimento.** In: CASTRO, Iná Elias; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs). Geografia: Conceitos e Temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995, p. 77-116.

SPOSITO, E. S. **A questão do método e a crítica do pensamento geográfico.** In: CASTRO, I. E. ; MIRANDA, M. ; EGLER, C. A. Redescobrindo o Brasil: 500 anos depois. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil: FAPERJ, 2010. p. 347-359.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores domeio ambiente.** São Paulo. Rio de Janeiro, DIFEL. (1980)